



Sem ciranda não há agroecologia – ciranda no curso-técnico experimental em agroecologia do Instituto Federal de São Paulo

Without Ciranda, There Is No Agroecology – Ciranda in the Experimental Technical Course in Agroecology at the Federal Institute of São Paulo

SARAIVA, Isabella Leonel Ferreira

¹ Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), isabellaleonelferreira@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Infâncias e Agroecologia

Apresentação e Contextualização da experiência

Viva as crianças, viva nossa ciranda
Viva nossas sementes de esperança
Toda gente do meu Vale da Ribeira
A força e doçura dessa terra Marangatu
Essa Mvúka de Curumim de moleque feliz

(SARAIVA, 2023).

Compartilho esse relato de experiência em memória do desafio de servir brincando, com os trabalhos em torno da educação do campo, eco pedagógicos, cirandas e outros nomes que damos para as formas de educar que dialogam com a diversidade das pessoas e seus territórios.

Durando o terceiro e quarto módulo do curso experimental de agroecologia do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) pelo apoio da Sempre Viva Organização Feminista (SOF) e da Rede de Mulheres Agroecológicas do Vale do Ribeira (RAMA), fui contratada para realizar a ciranda nos momentos presenciais do curso em setembro de 2022 e maio de 2023.

O curso através de seu Projeto Político Pedagógico buscou firmar seu compromisso com uma agroecologia, feminista e antirracista, foi realizado em modelo de alternância; garantiu que as e os agricultores e agricultoras, possam estudar integrando os conhecimentos com as práticas na sua unidade familiar e durante os momentos presenciais foi organizado uma ciranda para assegurar o direito das mães estudantes, que puderam realizar sua formação conjunto de seus filhos e filhas. Além de contar com três eixos de formação sendo eles feminismo e estudos de gênero; conhecimento agroecológico; e construção social de mercados.

A metodologia da ciranda é fruto da resistência construída, sobretudo pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, que defende que o cuidado das



crianças é responsabilidade de todas, todos e todes, não só das mães e do trabalho reprodutivo não-remunerado, em sua maior parte feita por mulheres, além disso fortalece a construção de outras pedagogias: como a educação popular, educação do campo e pedagogias ecológicas, que valorizam a presença das crianças e entendem as mesmas como sujeitos de saber, protagonistas no processo de educação.

As crianças que integraram a ciranda vêm do Vale da Ribeira, de contexto sócio-territorial que revela uma riqueza de biodiversidade e sociodiversidade, sendo a maior área de preservação da mata-atlântica paulista, fruto da resistência de quilombolas, tupis, guaranis, caipiras, caiçaras, caboclos, camponeses e demais movimentos sociais que são os guardiões das práticas e saberes que mantêm a floresta em pé. No cirandar da vida vamos aprendendo que todos ensinam e aprendem

Desenvolvimento da experiência

Iniciei o trabalho, contratada pela SOF em setembro de 2022, na cidade de Campinas em um espaço do sindicato, fui contratada por 20 dias, acompanhava as crianças todos os dias exceto no domingo, como vivíamos no mesmo alojamento, também se observa a pedagogia da presença, que cria um laço afetivo de confiança que facilita o processo educacional. Nesse primeiro momento acompanhei 1 criança de 2 anos, 3 crianças de 3 anos e meio, uma pré-adolescente de 11.

No segundo módulo o acompanhamento foi de 10 dias na cidade de Botucatu em uma chácara, tivemos atividades juntos todos os dias e dessa vez além das 3 crianças de 4 anos, 3 pré-adolescentes de 12 anos e uma criança de 1 ano.

A metodologia de trabalho foi embasada em minha formação com educação popular e do campo, através do movimento dos trabalhadores sem-terra por meio de uma extensão popular e comunicativa: Núcleo Agrário Terra e Raiz (NATRA) da FCHS - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Câmpus de Franca – Unesp. Além de estudos realizados em torno da música, arteterapia e agroecologia na Colômbia, Equador e Peru.

Se buscou desenvolver uma rotina de aprendizado com as crianças mesclada com atividades de leitura, brincadeira e tempo livre entre as crianças com uma observação passiva e ativa, sendo a ciranda multidisciplinar e interdisciplinar. Dentre as principais atividades destacamos:

Música e cantos tradicionais: a música fez parte da dinâmica cotidiana, com os cantos de ciranda, bumba meu boi e introdução aos instrumentos latino-americanos desde os andinos como é o charango, zamponha até instrumentos dos povos originários Guaranis como a maraca; Passeios ativos: passeios nos espaços de horta e floresta, onde realizamos coletas de argila, terra de diferentes pigmentos, sementes, frutos e brincamos através da integração com



nosso entorno; Atividades de leitura e história oral: Leituras interativas com animação de instrumentos e danças, destaco a leitura dos livros: Tico e a Agrofloresta da Debora Paiva; O sopro da Vida de Kamuu Dan Wapichana; Companhia de Dona Fatura, uma história sobre cultura alimentar quilombola dos Autores: Luiz Marcos de França Dias, Márcia Cristina Américo, Laudessandro Marinho da Silva, Viviane Marinho Luiz, Amanda Nainá dos Santos, Vanderlei Ribeiro.

Desafios

Destaco os desafios inerentes do servir de professora e cuidadora, que existem um constante aprendizado e muita energia física e mental, mas que nesse caso foram recompensados pela grande troca de saberes com as crianças e demais pessoas do curso. Identificamos desafios de cunho pedagógico, político e de infraestrutura.

Muitos pontos de desafios nascem pelo fato de que a ciranda ocorre fora do território de origem das crianças e da realidade de filhos de produtores rurais, mesmo sendo em espaço com área verde, não tínhamos uma horta, trabalhadores rurais. Muitas das dinâmicas de educação do campo são feitas nos espaços de aula viva, levando a criança nos espaços onde ocorre a agricultura familiar e reconhecendo o território que a cerca. Falar de território sem estar nele é desafio, mas também é uma potência pois isso abria espaço para pensar outras perspectivas, ver os pontos que sentiam saudades, tecer novas visões e encontrar o território dentro de si mesmo. Muitas das crianças falavam que queriam voltar para a roça, queriam ver seu boi, seus avós, comer mandioca. No primeiro encontro, um dos desafios foi com a construção de vínculo com umas das crianças de 3 anos, que ainda não frequentam a escola e não queria estar longe de sua mãe. Foi necessário técnicas para ir construindo essa relação que só foi possível no segundo encontro, onde a criança já me conhecendo, teve uma grande participação das atividades, sem a presença da sua mãe.

Uma grande dificuldade política e da infraestrutura ficou evidente no segundo módulo, que é a questão alimentar. A educação do campo agroecológico perpassa pela grande importância de pensarmos sobre a soberania alimentar e nutricional. As dinâmicas que trabalhavam com as crianças sempre buscam evidenciar a riqueza dos alimentos produzidos no campo, os preparos tradicionais das comunidades como o caso das crianças quilombolas que têm uma cultura alimentar própria.

A alimentação oferecida no curso foi incoerente com a discussão agroecológica, com ultraprocessados, marmitas com alimentos pouco diversos e sem o saber da origem das verduras. Essa questão do alimento foi violenta, já que as crianças e integrantes do curso então acostumados com uma alimentação de quem produz alimentos além de dificultar que pudéssemos levantar esse debate desde uma prática alimentar coerente, fica muito difícil falar de agroecologia comendo pão de forma e tomando refrigerante. Essa questão da alimentação não



pode ser superada evidenciando a incoerência em não centralizar a garantia de uma boa alimentação como elemento básico para ocorrência de um curso sobre agroecologia e claro da presença da ciranda onde estamos lidando com a responsabilidade de prezar pelo nosso futuro.

Principais resultados alcançados

São muitos frutos, pois as crianças são sementes, são muitos aprendizados por todos os envolvidos no processo pedagógico, as crianças estavam muito envolvidas com nossos encontros, foi observada uma grande participação das nossas atividades e postura de assimilação da pedagogia da ciranda que podia ser notada no comportamento das crianças, das mães e todos que estavam no curso. Havia uma consciência dos integrantes do curso que todos somos responsáveis por ajudar no cuidado das crianças e uma integração da turma com elas. No nosso segundo encontro, as crianças tinham memórias do primeiro e se observava muitos avanços e interesse delas, por exemplo, em aprender mais da música e se aventurar experimentar mais com os instrumentos.



Figura 1: Pinturas das crianças sobre os territórios que vivem, maio de 2023. Arquivo do Curso

Se observava uma maior autonomia e coletividade das criança devido às dinâmicas pedagógicas da ciranda, por exemplo, nos passeios ao bosque onde elas se entendiam em quando grupo e cuidavam uma das outras, era um desafio fazer essa atividade sozinha com as crianças devido os inúmeros perigos que incluem caminhar por um bosque biodiverso porém, devido vínculo construído com as crianças havia uma confiança que permitia que todos caminham juntos e atentos, esses momento é um tanto indescritível é como se o bosque nos abraçasse e fosse



nos conduzindo a conhecê-lo, é um livro aberto para ensinar e aprender, reino vegetal, animal, funghi, mineral, protista e monera.

Disseminação da experiência

Essa experiência é um marco para o curso de modelo de alternância, por isso vejo a importância política de fazer esse relato, já que o curso foi uma versão experimental, portanto é compreensível que muitas coisas ainda estejam em forma de criação e fortalecimento. Atualmente se busca aprofundar e aplicar a experiência da ciranda em uma cooperativa de agricultores familiares, trazendo a importância das cirandas para a demanda da sucessão familiar e da construção da transição agroecológica que evidencia a importância de uma ciranda, alinhada com os princípios da educação de campo e agroecologia. Essa experiência serve para orientar os próximos cursos, para aperfeiçoar as pedagogias e seguir o girando, plantando o bem viver em outras cirandas, pois uma ciranda leva a outra.

Referências

DIAS, Luiz Marcos de França. Na companhia de Dona Fartura, uma história sobre cultura alimentar quilombola. Grupo de Trabalho da Roça, Instituto Socioambiental (ISA), Cooperativa dos Agricultores Quilombolas do Vale do Ribeira (Cooperquivale). 2022 p.48.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 84ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

IFSP - Instituto Federal de São Paulo. Projeto Político Pedagógico do Curso Técnico Subsequente em Agroecologia Experimental. São Paulo: IFSP, 2021.

PAIVA, Déborah. Tico e a Agrofloresta, 2017, 20p.

SOF Sempreviva Organização Feminista. Práticas feministas de transformação da economia: autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira. São Paulo: SOF, 2018. Disponível em: <http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Praticasfeministas-portugu%C3%AAs-web1.pdf> . Acesso em 8 de dezembro de 2020.

WAPICHANA, Kamuu Dan. O Sopro da Vida: Putakaryy Kakykary – Kamuu Dan Wapichana, Expressão popular, 48p.